

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1975

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

GEORGE B. ROGERS, *Poteries Sigillées de la Gaule Centrale, I.—Les Motifs non Figurés* (XXXVIII^e Supplément à «Gallia»), Paris, 1975, 193 páginas, 64 estampas, 60 FF.

Esta obra, modelar pela sua concisão, não tem um interesse imediato para os especialistas portugueses, já que a sigillata da Gália Central não foi exportada para a Lusitânia.

Conhecê-la é, no entanto, obrigação para todos os que trabalhem na elaboração de tipologias de motivos decorativos e na definição de estilos, muito especialmente aqueles que venham a fazer a sistematização tão necessária da sigillata hispânica decorada cujo estudo ainda não ultrapassou uma indisciplinada fase analítica.

Aliás foi a inexistência de um catálogo sistemático dos motivos decorativos do centro da Gália que obrigou G. Rogers a realizar o presente volume no momento em que pretendia apenas estudar a sigillata da Gália Central existente no Museu de Saint-Germain-en-Laye. Esse material, juntamente com o de outros museus da França e da Inglaterra, constituirá o segundo tomo desta obra.

O catálogo visa unicamente simplificar a descrição dos fragmentos e facilitar o trabalho de identificação já que, segundo o próprio autor, uma identificação completa e uma cronologia só poderão fazer-se por referência a literatura especializada tal como o *Central Gaulish Potters* ou o seu futuro volume II. A esse respeito, insiste em que a identificação não pode repousar sobre um ou dois detalhes, mas implica o estudo de um sistema inteiro de decoração ; e a propósito, revela que a elaboração do catálogo o fez descobrir numerosos parentescos novos e insuspeitados.

Sobre a diferenciação dos motivos, uma advertência importante: por vezes um motivo parece diferente do punção original devido a razões ilusórias que residem na falta de nitidez causada pelo fabrico descuidado do vaso; na impressão defeituosa do motivo; em fenómenos de retracção.

Os princípios de organização do catálogo são simples: uma letra designa a natureza do elemento decorativo (óvulo, roseta, arco); um número indica a posição dentro da categoria.

A existência de novos elementos é prevista em determinados momentos das séries e por isso são-lhes reservados alguns espaços em branco. Por outro lado, as séries podem ser aumentadas indefinidamente.

A caracterização da fonte do desenho é sistemática e minuciosa. A maior parte das ilustrações foram feitas a partir dos vasos ou moldes originais tendo sido desenhadas mais de mil peças importantes. Verifica-se uma extrema prudência em toda a execução deste *corpus* tanto ao nível do detalhe (as letras D e O são omitidas para evitar confusões com Déchelette ou Oswald ; a letra I é excluída para que se não confunda com o algarismo 1) como da programação: os elementos decorativos analisados dizem respeito somente ao segundo período da produção ou seja, aquele que tem início em 90 d. C., momento em que se verifica uma brusca interrupção da tradição da cerâmica da Gália Central causada pela actividade do oleiro X-O. A sua influência decisiva juntou-se cerca de 100 a de um outro oleiro imigrante, Libertus, imprimindo ambos à produção do século n um vigor e uma unidade que justificam a opção do autor.

Entre numerosos dados de grande importância para o conhecimento da sigillata da Gália Central, salientam-se as modificações e as adições que esta importante obra traz à nomenclatura das oficinas.

A. ALARCÃO

JOHN W. HAYES, *Roman and Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum. A Catalogue*. Toronto, 1975. 1 vol., XII + 230 p., 43 ests.

A colecção de vidros pré-romanos e romanos do Museu Real de Ontário (Canadá) é objecto, neste volume, de um estudo exaustivo. Pelo menos metade das peças (670 no total) não tem indicação de proveniência; a nenhuma se lhe conhece o contexto. Assim, a colecção não adianta nada à cronologia dos vidros romanos. Hayes, aliás, aproveita esta ocasião para discutir algumas cronologias geralmente aceites ou recentemente propostas. Se, no Ocidente, a cronologia dos vidros romanos assenta em numerosos achados de escavações bem conduzidas, no Oriente são escassas as informações derivadas de uma escavação. Tel-Anafa, Dura-Europos, Karanis e Jalame são quatro estações frequentemente invocadas para definir cronologias. Ora, como justamente observa Hayes, as datas que tais estações fornecem, exceptuando Dura-Europos, não são absolutamente seguras. Dura-Europos foi destruída em 256 d. C. e dá-nos assim um *terminus ante quem* evidentemente útil. A data de abandono das outras três estações deduz-se das séries numismáticas aí encontradas: 75 a.C. para Tel Anafa, fim do século iv para Jalame, início do V para Karanis. Relativamente a Karanis e Jalame, porém, a cerâmica aí encontrada leva-nos a descer a data do abandono pelo menos até meados